

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS
DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE
SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

INVISIBILIDADE SOCIAL: A ATUAL SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES
ASIÁTICOS NA CIDADE DE VITÓRIA

Layla dos Santos Freitas Universidade Federal do Espírito Santo;

Tatyana Léllis da Matta e Silva, Faculdade Brasileira Multivix/Vitória.

Resumo: Este estudo preliminar aborda o fenômeno invisibilidade social e política de grupos imigrantes, mais especificamente os asiáticos residentes no ambiente urbano de Vitória/ES, quando pensados como ilegais dentro do território brasileiro, que em alguns casos valem-se de certo abandono institucional de espaços urbanos para apropriação e exercício de suas atividades, muitas vezes clandestinas e ilegais. Verificou-se em alguns casos que tais sujeitos podem ser vítimas, em razão dessa distribuição, de uma certa invisibilidade, ou opacidade, no sentido atribuído por Zygmunt Baumann. Identificamos mecanismos desses fenômenos dentro de uma lógica de desenvolvimento e sustentação de comunidades e identidades no interior de sociedades complexas, por um lado, e das possíveis consequências para as pessoas e comunidades que praticam ou estão submetidas a invisibilidade social, na linha de argumentação de Baumann acerca dos processos sociais implicados nas noções de comunidade e identidade nos tempos atuais, associada à noção de estima social da teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Percebemos no *ethos* dos imigrantes asiáticos que habitam o centro de Vitória/ES, tanto pela observação, como nas falas dos integrantes desse grupo, aspectos de (in)visibilidade social, a partir da sua condição “clandestina” que nos permitem iniciar uma análise crítica sobre a invisibilidade social e reconhecimento.

Palavras-chave: invisibilidade social, imigração, reconhecimento.

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um esforço de organização de uma abordagem teórica para o estudo do fenômeno da invisibilidade social e política de grupos dentro do ambiente urbano.

O interesse no referido surgiu da percepção de que, mesmo em uma cidade não tão grande quanto Vitória/ES¹, pode-se ver no ambiente urbano diversos grupos de pessoas sobre os quais se sabe muito pouco. Em muitos casos observa-se que esses grupos se aproveitam de certo abandono de espaços urbanos pelas autoridades e pelas principais forças do mercado para deles se apropriarem e realizarem ali suas atividades, muitas vezes clandestinas e ilegais. Diversos desses grupos e usos têm sido pesquisados pela Sociologia Urbana desde, pelo menos a década de 1910 com os estudos pioneiros da “Escola de Chicago” (COULON: 1995).

No que tange ao abandono dos espaços, Milton Santos afirma que:

O endurecimento da cidade é paralelo à ampliação da intencionalidade na produção dos lugares, atribuindo-lhes valores específicos e mais precisos, diante dos usos preestabelecidos. Esses lugares, que transmitem valor às atividades que aí se localizam, dão margem a uma nova modalidade de criação de escassez, e a uma nova segregação. Esse é o resultado final do exercício combinado da ciência e da técnica e do capital e do poder, na reprodução da cidade. (SANTOS: 1994)

Santos afirma ainda que “essa rigidez tem consequências sobre a forma urbana, repercutindo sobre o tamanho da cidade e ampliando a tendência às especializações funcionais, com a desvalorização mercantil e o envelhecimento precoce de certas seções do espaço urbano. E há também consequências sobre o sistema de movimento, tornando-o ainda mais anárquico”. Pode-se identificar no centro da cidade de Vitória essas características e condições apontadas por Santos.

¹ Segundo a estimativa feita em 2015 pelo IBGE, o Município de Vitória ocupa o vigésimo quinto lugar no ranking das Cidades mais populosas do país, com um total de 355.875 de habitantes (vide em anexo 01)

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

O Centro de Vitória foi de grande importância para o desenvolvimento político, histórico, cultural, econômico do Município. Era a imagem da ascensão do municipal e responsável pelo corredor econômico da época. Atualmente, encontra-se abandonado pelos órgãos públicos responsáveis, com grande carência de recursos que viabilizem sua recuperação. Neste sentido, indivíduos abandonados socialmente, desprovidos de seus direitos e deveres ou que buscam por algum motivo estar '*à margem da sociedade*', tendo certo interesse em serem invisíveis, buscam no Centro da Cidade um refúgio ou abrigo. E encontram.

Todavia, é necessário ressaltar que seria uma afirmação reducionista dizer que a relativa invisibilidade social dos grupos sociais em meio urbano derive somente de sua direta intenção em camuflar possíveis atividades clandestinas e/ou ilegais. Pelo contrário, este trabalho gira em torno da percepção de que muitas dessas pessoas e grupos podem ser vítimas dessa invisibilidade, na medida em que são deixadas à margem de todo um conjunto da vida social, arcando com um *déficit* de reconhecimento social e de cidadania, como por exemplo, o acesso a políticas públicas que atendam suas necessidades e a mecanismos de expressão que demonstrem suas preferências.

De fato, eles parecem exercer um jogo de visibilidade (afinal, estão nas ruas vendendo seus produtos ou praticando outras atividades) e invisibilidade (talvez fosse melhor falar em opacidade, uma vez que podemos vê-los, mas não conseguimos conhecê-los).

Nesse sentido, buscaremos apresentar duas visões alternativas e complementares sobre a questão da visibilidade e invisibilidade social, buscando identificar os mecanismos pelos quais esses fenômenos se desenvolvem dentro de uma lógica de desenvolvimento e sustentação de comunidades e identidades no interior das sociedades complexas, por um lado, e das possíveis consequências para as pessoas que praticam ou estão submetidas a essa invisibilidade social e para as sociedades que abrigam essas pessoas em seu interior. Na primeira linha de argumentação apresentaremos as ideias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman acerca dos processos sociais implicados nas noções de comunidade e identidade nos tempos atuais e, na segunda linha, apresentaremos as ideias do filósofo alemão Axel Honneth acerca da noção de reconhecimento social e sua importância para a integração social nas sociedades complexas.

Antes de entrar nessa discussão teórica, no entanto, cremos ser válido apresentar em poucas linhas o caminho que levou até a elaboração deste artigo.

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

1 DO CAMPO DE PESQUISA:

Durante o curso de ciências sociais, na Universidade Federal do Espírito Santo, ante a necessidade de realizar trabalho de conclusão de curso, a socióloga Layla dos Santos Freitas, enquanto caminhava no Centro de Vitória, se deparou com alguns indivíduos que considerou pertencerem a um desses grupos que, no entendimento das autoras, buscam refúgio no Centro.

Geralmente em famílias enormes, sempre comercializando vários objetos e não dialogando de modo algum com qualquer um que não seja de seu grupo específico. Durante a caminhada, ocorreu a estranha impressão de que os mesmos estavam interessados em se manterem invisíveis.

No entanto, mesmo com o esforço de se manter ‘fora do radar’, para todo lado que se olhe, lá estão eles: na Praça Costa Pereira, em lojas enormes – uma ao lado da outra -, em ‘*barraquinhas*’ distribuídas ao longo das calçadas e em outros espaços. E a cada dia parece haver mais coreanos no centro de Vitória e em outros novos locais da cidade.

A partir dessa experiência, passou-se a questionar a origem desses indivíduos, as motivações para a escolha do Brasil, mais especificamente, do Espírito Santo e da cidade de Vitória. Ainda, se os mesmos são abarcados pelas iniciativas públicas que envolvem o cidadão brasileiro e quais são as políticas públicas que estão sendo implantadas para atender a esse grupo específico, como outras interrogativas.

Assim, na construção do trabalho citado, procuramos os órgãos responsáveis dos governos estadual e municipal, mas não encontramos quem nos desse qualquer informação relevante sobre esses assuntos, reforçando nossa percepção de que, pelo menos para os poderes públicos, aquele é um grupo invisível. Em breve pesquisa, percebe-se a falta de informação que se tem sobre esse grupo, que pode se tornar, dependendo de seu crescimento, importante no que tange à manutenção da sociedade, seus direitos, anseios e deveres. Os asiáticos do Centro da Cidade e mesmo outros grupos com as mesmas características – nos baseando em dados históricos, teóricos e demográficos, devidamente apresentados nos anexos - podem e devem ser objeto de estudo no que concerne à sociologia e, principalmente, a sociologia jurídica. Na busca de solucionar ou buscar entender as reais situações em que vivem tais

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

grupos e, ainda, sobre a capacidade dos mesmos de ser uma comunidade, suportarem uma identidade e, por fim, alcançarem o reconhecimento social na sociedade brasileira.

A referida aluna, agora, discente do curso de Direito, apresentou o trabalho acima à Professora Tatyana Léllis, no intuito de trazer um novo olhar, de forma aprofundada e voltar a discussão primeiramente tratada.

Isto posto, entendemos que somente através de um estudo aprofundado desses grupos que poderemos – Estado, sociedade, cientistas sociais – dar o próximo passo, efetivar políticas públicas que se fizerem necessárias idealizando uma melhor qualidade de vida para estes indivíduos.

2 INVISIBILIDADE SOCIAL:

Zygmunt Bauman colocou como subtítulo de sua obra “Comunidade” a seguinte frase: *a busca por segurança no mundo atual*. Segundo o autor, a comunidade é um lugar aconchegante, seguro e confortável, aonde o indivíduo se sinta protegido de todas as questões representadas no ‘lado de fora’, na sociedade, que se sinta parte de algo. De fato, o autor começa sua obra mostrando-nos como o termo comunidade é cercado de uma valorização positiva nos tempos atuais. Afirma:

E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim,

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos.

(BAUMAN: 2003: 7-8)

O que chama a atenção sob a ótica do tema que estamos analisando é que numa comunidade tal como expressa acima, não há invisibilidade dos indivíduos face uns aos outros ou ao grupo. Aparentemente, o preço a ser pago por toda essa proteção seria a total entrega do indivíduo ao grupo, ou seja, em outras palavras, a perda da privacidade.

Considerando o pontuado pelo autor, a palavra *comunidade* pode ser usada para descrever aldeias, clubes e até grupos étnicos e nações. Muito embora o grande catálogo de conceitos, a definição de comunidade é mais utilizada e pensada em sua dimensão subjetiva. Tomada a partir dessa dimensão subjetiva, a comunidade se estrutura a partir de um *sentimento de comunidade*, de um *senso de pertencimento a uma coletividade*. Nesse sentido, a dimensão subjetiva passa por ser mais significativa do que outras dimensões, como por exemplo, de espacialidade.

A comunidade pode ser tida por uma “entidade simbólica”, assim como proposto por Anthony Cohen, citado por Bauman, que comporta um sistema de valores e um código de moral. Devido a esta concepção, a comunidade passa a ser vista de maneira problemática, do ponto de vista sociológico. Se considerado que esta exige um modo de “fixação”, ela pouco condiz com os processos de construção de identidades nas sociedades contemporâneas. Assim, a comunidade passa a perder sua importância, quando visualizada a partir da teoria social, em decorrência da plasticidade que as identidades comunitárias assumem na atualidade.

O debate de Bauman gira em torno dos valores de segurança e liberdade trabalhados dentro da comunidade. Ao tentar viver no mundo real, o sonho da comunidade tal qual descrita acima, segundo Bauman, o que os homens conseguem é:

uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, e (em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição. A “comunidade realmente existente”, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou promete prestar. Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo. (Idem: 9-10).

Nesse sentido, a busca do viver em comunidade implica em um fechamento para o mundo exterior a essa comunidade, ou seja, de um lado, uma certa invisibilidade social, por outro, a própria invisibilidade para o mundo exterior. Preservar o modo de vida do grupo face às interferências externas exige que a comunidade seja relativamente opaca aos olhos dos de fora, mas, em contrapartida, exige também que se limitem os contatos dos de dentro com os de fora, de modo que também para os membros da comunidade a sociedade abrangente, que a envolve de fora, seja relativamente opaca.

O entendimento comunitário garante a “imersão ingênua na vida humana”. Assim, comunidade passa a ser um ambiente de lealdade e de conforto; de “acolhimento” inquestionável, assim como é também inquestionável o sistema de valores que define essa condição. Pelo fato de o entendimento ser do tipo “natural”, a comunidade não resiste “ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente”, quando é submetido ao exame e contemplação. A comunidade que fala de si, seria então, uma contradição em termos.

Levando em consideração a quase impossibilidade da existência das comunidades é que deriva, segundo Baumann, a emergência de outra categoria: a de identidade. Justamente devido à insegurança produzida pela liquidez das relações sociais presente no estágio da modernidade atual, as pessoas são tentadas a reconstruir seus laços já não mais pelo pertencimento a uma comunidade de origem, mas a uma comunidade construída à base da identificação com outros. Onde se compartilhe crenças, opiniões, gostos, gestos, entre quaisquer outros meios de afinidade com que indivíduos possam se identificar e que possam se aceitar.

A busca da identidade é a perspectiva de ir em busca de algo que nos diferencie, que nos torne seres únicos, como afirma Baumann. Deste modo, a ideia de se criar uma comunidade baseada em identidade, torna-se algo contraditório. Haja vista que inviabiliza a

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

individualidade e a liberdade tão valorizada pelos indivíduos que almejam a construção de sua identidade. O autor afirma que

as pessoas envolvidas na luta pela identidade temem a vitória final mais do que uma sucessão de derrotas. A construção da identidade é um processo sem fim e para sempre incompleto, e assim deve permanecer para cumprir sua promessa (ou, mais precisamente, para manter a credibilidade da promessa). Na política-vida que envolve a luta pela identidade, a autocriação e a autoafirmação são os cacifes, e a liberdade de escolha é ao mesmo tempo a principal arma e o prêmio mais desejado. A vitória final de uma só tacada removeria os cacifes, inutilizaria a arma e cancelaria a recompensa. Para evitar que isso aconteça, a identidade deve continuar *flexível* e sempre passível de experimentação e mudança; deve ser o tipo de identidade “até nova ordem”. A facilidade de desfazer-se de uma identidade no momento que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o “realismo” da identidade buscada ou momentaneamente apropriada. (BAUMAN: XXXX: 61-62)

Dando seguimento a essa reflexão, abordaremos na próxima seção a teoria do reconhecimento de Axel Honneth.

3 ESTIMA E RECONHECIMENTO

Axel Honneth é o representante da tradição da teoria crítica mais atual. Sua teoria se desenvolve em dois momentos específicos. Respectivamente, quando o sociólogo procura demonstrar as insuficiências da teoria crítica desenvolvida por Habermas, reafirmando a necessidade de se criticar a sociedade no que tange à dimensão de intersubjetividade social, onde estão inseridas as instituições e quando o autor busca desenvolver sua versão da teoria crítica *ex negativo*.

O mesmo afirma, em *Kritiki der Macht*, que a versão habermasiana da teoria crítica à sociedade poderia ter sido melhor desenvolvida, tendo como base o conceito de luta pela reconhecimento tratado por Hegel. Desse modo, vale afirmar que o objetivo principal de Honneth é tratar da interpretação da sociedade através do reconhecimento, a única categoria a ser considerada na formulação de uma teoria crítica da sociedade, no seu entendimento.

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

De antemão, podemos apresentar, resumidamente a proposta do autor, assim como demonstrado por SILVA (2012), ante a sua dissertação de mestrado:

É, entretanto, possível apresentarmos já sua proposta que, em linhas gerais, supõe as lutas coletivas como força motriz da evolução moral da sociedade na medida em que se orientam pela busca de reconhecimento de modos de vida e formas de autorrealização de pessoas e grupos, populações antes excluídas, e mesmo negadas em sua condição humana, permitindo a ampliação do espaço para o pluralismo e abrindo cada vez mais o veio democrático, ao expandir as esferas de direitos e seus titulares. Essas lutas políticas assumem um aspecto moral de modo que nascem da indignação articulada de vários atores que sofreram situações de desrespeito, ou de negação de reconhecimento, e, para superar essa condição, reuniram-se e buscaram canais de luta na promoção de transformações sociais. O desrespeito sofrido é verificado nas lesões morais que atingem as pessoas que não experimentaram o reconhecimento. Honneth (2009) explica que há três níveis ou três esferas de reconhecimento que forjam (ou não) uma identidade sadia: o amor, o respeito e a estima social.

Em sua obra *Kampf um Anerkennung*, Honneth se utiliza da categoria ‘dependência absoluta’ para embasar os primeiros elementos de sua teoria crítica. Tal condição caracterizaria a primeira fase do desenvolvimento infantil, onde mãe e bebê se encontram em relação simbiótica – vivem como um só organismo -. As necessidades da criança recém-nascida, a dependência, assim como sua carência que por consequência direciona totalmente e imediatamente a mãe a sanar tais necessidades, faz com que ambos se sintam como uma unidade.

Eventualmente, o retorno ao cotidiano, às responsabilidades diárias da mãe, o crescimento da criança, entre outros, dissolve a relação simbiótica, já que se torna impossível tal relação imediatista com a introdução de fatores externos. Os últimos ‘obrigam’ a criança a se acostumar com a ausência da mãe e estimulam o desenvolvimento de capacidades que possam auxiliar em se diferenciar do seu ambiente. Essa fase é chamada de ‘relativa independência’.

Honneth afirma que a criança, tendo uma relação protetora e maternal com a mãe, terá *autoconfiança*, vista pelo autor como outra capacidade, que capacita o desenvolvimento de uma personalidade sadia. Essa somente é possível a partir de uma relação positiva que passa

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

a existir das consequências do relacionamento materno. Assim a autoconfiança é à base de uma boa personalidade e das boas relações.

Desse modo, o autor afirma que a moralidade deriva do reconhecimento. Ou seja, o reconhecimento teorizado, é responsável pelo desenvolvimento do autorrespeito (*Selbstvertrauen*) e pela base de autonomia necessária para a participação do indivíduo na vida pública (SOBOTTKA. & SAAVEDRA, 2008, 174).

Assim, busca demonstrar que o reconhecimento característico das sociedades tradicionais é aquele baseado na concepção de *status*. Dessa maneira, um indivíduo só obtém reconhecimento quando é reconhecido como sujeito ativo de uma comunidade e apenas devido à função social que sua posição o faz ocupar em tal sociedade. A transição para a modernidade trata por estabelecer mudanças na estrutura da base social, conseqüentemente uma mudança estrutural nas relações de reconhecimento – uma mudança ocasiona a outra.

Nesse sentido, tendo como base tal constatação, o autor passa a questionar o novo caráter, a nova forma do reconhecimento jurídico que surge com a modernidade. Para Honneth, os sujeitos necessitam estar em condições de desenvolver sua autonomia para que tenham reais condições de decidir sobre suas questões morais. Assim, o mesmo disserta sobre a necessidade da reconstrução do direito moderno através da ampliação dos direitos fundamentais. O reconhecimento jurídico é gerador do auto-respeito. Caso o indivíduo não passe pela experiência do reconhecimento jurídico não desenvolverá o mesmo e então existirá uma ‘falha’ vital, que é a falta da condição cidadã propriamente dita. Ou seja, toda participação pública depende da experiência pelo Estado, da inclusão do indivíduo nas atividades do mesmo.

Desse modo, o autor afirma que um sujeito que durante toda sua vida teve seus direitos lesados, não terá condições de desenvolver a capacidade de atuar na vida pública. Assim, a ideia de desigualdade é fomentada pela ausência de reconhecimento jurídico.

Um determinado grupo só fará parte do sistema de referência moral de uma determinada sociedade quando existir uma experiência do indivíduo com o reconhecimento, pois no momento em que este busca ser reconhecido em face de sociedade, ao Estado, automaticamente, cria-se o reconhecimento, ao menos dele com ele mesmo. Ou seja, surge o direito individual, como a cidadania, por exemplo. A obtenção do reconhecimento em si,

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

é a reafirmação do mesmo perante a sociedade. A aceitação da última de que o indivíduo passa a integrar àquele espaço social, mesmo que nem sempre seja reconhecido positivamente por outros indivíduos.

CONCLUSÃO

Com a intenção de trazer novamente à baila a discussão sobre a invisibilidade social e a questão dos imigrantes asiáticos no centro da cidade de Vitória, de modo a buscar novos questionamentos e possíveis respostas, voltamos ao local de campo para realizar nova observação participante nos locais já identificados como certos de encontro.

Porém, do mesmo modo, foram encontradas barreiras no que tange a comunicação e aproximação com membros do grupo, tendo em vista a língua utilizada e a própria concepção entendida de comunidade. Logo, sem novas informações a acrescentar em relação ao grupo em tese.

Ademais, na continuidade da atividade exploratória, conseguimos identificar, ao menos, uma subdivisão no grupo específico. Primeiro, os asiáticos que buscam se tornar invisíveis ante a própria atividade exercida no local – venda de produtos falsificados, entre outros -. O que os tornam mais distantes da possibilidade de melhor qualidade de vida, pertencimento e, posterior, reconhecimento. No segundo grupo, os que fazem parte das profissões legalizadas e usufruem direitos e deveres típicos de um cidadão brasileiro.

REFERÊNCIA

BAUMAN, Zygmunt. (2003). Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar;

COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus, 1995;

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003 (Kampf um Anerkennung, (1992);

JUNIOR, Vamberto Spinelli ,BAUMAN E A IMPOSSIBILIDADE DA COMUNIDADE. Disponível em :<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/01.pdf>;






SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo: HUCITEC, 1994;

I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.

SILVA, Tatyana Lélis da Matta e. Teoria crítica e luta por reconhecimento: contribuições de Axel Honneth ao debate da justiça e da cidadania. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais

SOBOTTKA, E.A. & SAAVEDRA, G.A. “Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth”. *Civitas*. Porto Alegre V.8 n.1, jan-abr.2008,p.9-18

ANEXOS

2015	<u>Município</u>	<u>Unidade Federativa</u>	<u>População em 2015</u>	<u>População em 2010</u>	<u>População 2000</u>
1	 <u>São Paulo</u>	 <u>São Paulo</u>	11.967.825	11.253.503	10.405.867
2	 <u>Rio de Janeiro</u>	 <u>Rio de Janeiro</u>	6.476.631	6.320.446	5.851.914
3	 <u>Salvador</u>	 <u>Bahia</u>	2.921.087	2.675.656	2.440.828
4	 <u>Brasília</u>	 <u>Distrito Federal</u>	2.914.830	2.570.160	2.043.169
5	 <u>Fortaleza</u>	 <u>Ceará</u>	2.591.188	2.452.185	2.138.234
6	 <u>Belo Horizonte</u>	 <u>Minas Gerais</u>	2.502.557	2.375.151	2.232.747
7	 <u>Manaus</u>	 <u>Amazonas</u>	2.057.711	1.802.014	1.403.796

**I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS
DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE
SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.**

2015	<u>Município</u>	<u>Unidade Federativa</u>	<u>População em 2015</u>	<u>População em 2010</u>	<u>População 2000</u>
8	 <u>Curitiba</u>	 <u>Paraná</u>	1.879.355	1.751.907	1.586.848
9	 <u>Recife</u>	 <u>Pernambuco</u>	1.617.183	1.537.704	1.421.993
10	 <u>Porto Alegre</u>	 <u>Rio Grande do Sul</u>	1.476.867	1.409.351	1.360.033
11	 <u>Belém</u>	 <u>Pará</u>	1.439.561	1.393.399	1.279.861
12	 <u>Goiânia</u>	 <u>Goiás</u>	1.430.697	1.302.001	1.090.737
13	 <u>São Luís</u>	 <u>Maranhão</u>	1.073.893	1.014.837	868.047
14	 <u>Maceió</u>	 <u>Alagoas</u>	1.013.773	932.748	796.842
15	 <u>Natal</u>	 <u>Rio Grande do Norte</u>	869.954	803.739	709.536
16	 <u>Campo Grande</u>	 <u>Mato Grosso do Sul</u>	853.622	786.797	662.534
17	<u>Teresina</u>	 <u>Piauí</u>	844.245	814.230	714.583
18	 <u>João Pessoa</u>	 <u>Paraíba</u>	791.438	723.515	595.429

**I CONACSO - CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS
DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS. 23 A 25 DE
SETEMBRO DE 2015, UFES, VITÓRIA-ES.**

2015	<u>Município</u>	<u>Unidade Federativa</u>	População em 2015	População em 2010	População 2000
19	 <u>Aracaju</u>	 <u>Sergipe</u>	632.744	579.149	461.083
20	 <u>Cuiabá</u>	 <u>Mato Grosso</u>	580.489	551.098	483.044
21	 <u>Porto Velho</u>	 <u>Rondônia</u>	502.748	428.527	334.585
22	 <u>Florianópolis</u>	 <u>Santa Catarina</u>	469.690	421.240	341.781
23	 <u>Macapá</u>	 <u>Amapá</u>	456.171	398.204	282.745
24	 <u>Rio Branco</u>	 <u>Acre</u>	370.550	336.038	252.885
25	 <u>Vitória</u>	 <u>Espírito Santo</u>	355.875	327.801	291.941
26	 <u>Boa Vista</u>	 <u>Roraima</u>	320.714	284.313	200.383
27	 <u>Palmas</u>	 <u>Tocantins</u>	272.726	228.332	137.045

Dif. = Mudança em relação a 2000

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_capitais_do_Brasil_por_popula%C3%A7%C3%A3o